

Interface cultural, práticas retóricas e produção de conhecimento

Cultural interface, rhetorical practices and production of knowledge

Regiane Miranda de Oliveira NAKAGAWA¹

Resumo

Este artigo busca explorar as principais características daquilo que Lev Manovich indica ser uma retórica calcada em relações espaciais, edificada pela interface cultural digital, e o modo de produção de conhecimento vinculado a ela. Para desenvolver esse ponto de vista, será estabelecido o contraponto entre o exercício suasório potencializado pelo verbal escrito e aquele decorrente das relações de hipervínculos, pelas quais se edifica uma prática retórica mais plástica, bem como um conhecimento menos conclusivo e mais hipotético.

Palavras-chave: Interface cultural. Retórica. Produção de Conhecimento.

Abstract

This paper seeks to explore the key features of what Lev Manovich indicates as being rhetoric based on spatial relationships, built by digital cultural interface, and the production mode of knowledge linked to it. In order to develop this point of view, a counterpoint is established between the persuasive exercise potentiated by verbal written features, and the one arising from the hyperlink relationships, upon which a more plastic rhetoric practice, as well as a less conclusive and more hypothetical knowledge is built.

Keywords: Cultural interface. Rhetoric. Knowledge production.

Introdução

Na obra *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación. La imagen en la era digital* (2006)², Lev Manovich apresenta o conceito de interface cultural para situar o

¹ Pós-Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora e Gestora de Pesquisa do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: regianemo@uol.com.br

ambiente comunicacional edificado pelos meios digitais, tendo em vista de que maneira as informações são codificadas pelo digital e como os usuários se relacionam com elas. Para o autor, a interface não se limita a ser meramente uma janela por onde as informações são acessadas, já que ela envolve a maneira pela qual nos comunicamos mediados por uma "cultura codificada em forma digital" (2006, p. 120)³, cujo entendimento requer a consideração das transformações geradas na dimensão perceptocognitiva humana, nos modos de produção e circulação dos signos e nas esferas sociocultural, estética e política, em virtude do advento do processo de codificação numérica.

Ainda segundo a hipótese de Manovich, a linguagem das interfaces culturais é decorrência da tradução das formas expressivas que a antecederam, mais especificamente o cinema, a palavra impressa e a interface do usuário generalista. Ao aludir a cada uma dessas linguagens, nota-se que Manovich (2006, p. 122) se reporta igualmente às interfaces culturais edificadas por cada uma delas, entendidas como "tradiciones culturales más amplias" (2006, p. 121)⁴, das quais decorre um modo muito singular de organizar a vivência humana.

Não obstante o espaço exíguo de argumentação, que não nos permite discorrer mais detalhadamente sobre o conceito de interface cultural, este artigo visa lançar outra hipótese, fruto daquela apresentada por Manovich. Trata-se de considerar os processos retóricos que são potencializados pela interface vinculada ao digital. Para desenvolver esse ponto de vista, partiremos de uma pista lançada pelo próprio autor.

Segundo o autor, a palavra impressa está diretamente relacionada à arte retórica, que, como é sabido, se caracteriza por uma dimensão eminentemente temporal, dadas as relações de contiguidade, sequencialidade e causalidade que distinguem o sintagma verbal. Porém, quando se torna parte da interface cultural, o verbal insere-se na rede de hipervínculos própria do digital, da qual decorre a ruptura da linearidade típica da narrativa. Em consequência, esse outro modo de composição elucidaria o "continuo declive del ámbito de la retórica en la era moderna"⁵ (MANOVICH, 2006, p. 128), uma vez que os hipervínculos rompem justamente com o desenvolvimento lógico-causal de um argumento, o que praticamente inviabilizaria o exercício suasório.

² A linguagem dos novos meios de comunicação. A imagem na era digital (Tradução livre)

³ "cultura codificada em forma digital" (Tradução livre)

⁴ "tradições culturais mais amplas" (Tradução livre)

⁵ "continuo declive do âmbito da retórica na era moderna" (Tradução livre)

Ainda segundo Manovich, se outra retórica é passível de ser edificada pela interface cultural, ela teria como dominante o espaço ou, mais especificamente, o "deambular por el espacio" (2006, p. 129). Por sua vez, esse "vaguear pelo espaço", destituído de um direcionamento que estabeleça de antemão um percurso lógico a ser seguido, contrapõe-se justamente à dimensão temporal e causal característica da prática retórica potencializada pela interface cultural verbal.

Assim, com base nos indícios deixados pelo autor, buscaremos explorar a distinção entre o exercício suasório vinculado ao verbal escrito e aquele decorrente das relações de hipervínculos, na tentativa de mapear alguns aspectos centrais das práticas retóricas passíveis de serem edificadas no âmbito da interface cultural digital. Segundo nossa conjectura, como a linguagem que inscreve tal interface é semioticamente heterogênea em razão da diversidade de códigos que a compõe, logo, o exercício retórico que ela incita se definiria essencialmente pela ambivalência e pela controvérsia, diferentemente do que ocorre com o exercício suasório edificado em meio à interface verbal.

Por sua vez, ao discutirmos essa outra prática retórica que, como Manovich sugere, tende a se pautar por relações espaciais não lineares, não há como igualmente desconsiderarmos o modo de produção de conhecimento que esse exercício suasório potencializa. Afinal, toda interface também abarca um direcionamento específico quanto à forma de elaboração do saber de uma época, da mesma maneira que todo conhecimento pressupõe, necessariamente, uma retórica própria. Ainda que, nem sempre, haja uma consciência clara sobre tais relações, não se pode ignorar o estreito vínculo existente entre a interface cultural, os modos de raciocínio que ela estimula, as práticas retóricas incitadas por diferentes tipos de pensamento e os dominantes que caracterizam as distintas modalidades de construção do conhecimento. São essas relações que serão exploradas neste artigo.

Retórica e interface verbal

O teórico dos meios Marshall McLuhan dedicou toda a sua obra *A galáxia de Gutenberg. A formação do homem tipográfico*, publicada em 1962, inteiramente para indicar as transformações geradas na dimensão perceptocognitiva humana e nas mais

variadas esferas socioculturais em decorrência do advento da impressão. Em outras palavras, pode-se dizer que o autor apontou, com enorme riqueza de detalhes, os principais aspectos que distinguem a interface cultural relacionada à palavra impressa.

Uma vez que se constitui como uma extensão da visão, a tecnologia da escrita alfabética é, como McLuhan aponta, um “código visual para a fala” (1971, p. 78) ou uma tradução gráfico-visual para os sons da língua, capaz de isolar sonoridades que, quando pronunciadas, não são percebidas separadamente. Ainda segundo o autor, tal tecnologia compreende duas fases, a manuscrita e a impressa, uma vez que ambas geram ambiências completamente distintas. Isso ocorre porque foi apenas com o advento da impressão que, de fato, se operou a cisão entre a visão e os outros sentidos, em virtude da potencialização da primeira em detrimento dos demais, resultando na fragmentação da esfera perceptocognitiva humana. Com isso, a experiência tende a se concentrar na dimensão visual edificada pela escrita alfabética, bem como na concatenação temporal dos signos gráficos, que levam à elaboração dos enunciados verbais.

Um dos efeitos mais marcantes da fase impressa da escrita se reporta ao padrão de racionalidade incitado por ela: ser “racional” implicava, necessariamente, “o explicitamente linear, sequencial e visual” (McLUHAN, 1971, p. 108), assim como acontece com a estruturação das palavras no sintagma verbal. Da mesma forma, criam-se um modelo e uma formalização para o raciocínio, dos quais decorre a intensificação do pensamento lógico no âmbito da cultura ocidental que, conforme McLuhan aponta, consiste numa “forma de disciplina mental” (1971, p. 229) a qual, com o tempo, passou a ser cada vez mais naturalizada.

Um dos traços mais marcantes desse modo de raciocínio se reporta ao fator temporal, uma vez que ele e, por conseguinte, os enunciados que ele gera se compõem essencialmente por meio de relações sequenciais de causa e consequência. Assim, qualquer dimensão empírica que possa romper com a formalização já estabelecida tende a ser suprimida. O melhor exemplo desse modo de raciocínio é o silogismo, ou raciocínio lógico dedutivo, estruturado com base em uma premissa geral, em uma premissa específica e em uma conclusão, sendo esta última o resultado da “aplicação” da regra geral a um caso específico. Com isso, a conclusão limita-se a reafirmar a validade de um preceito geral.

Ao mesmo tempo, segundo Perelman (2004, p. 107), tal forma de raciocínio somente pode ser materializada por intermédio de uma "linguagem unívoca", que impossibilite a irrupção de qualquer tipo de controvérsia ou contradição, o que, por sua vez, somente seria viável por meio do código verbal, em virtude da estruturalidade da sua natureza compositiva. A nosso ver, tal univocidade pode ser entendida pela correlação de dois aspectos.

O primeiro diz respeito à própria sequencialidade que caracteriza a ordenação do sintagma verbal, visto que, conforme aponta Pignatari, as palavras “ligam-se umas às outras conforme o princípio da predicação (especialmente quando o verbo *ser* é empregado: ‘tal coisa é tal coisa’), o padrão lógico, por excelência” (1979, p. 105). É, portanto, a própria estruturação do verbal que se assenta numa ordenação lógica que propicia tanto a concatenação sequencial dos enunciados, quanto permite realizar afirmações a respeito de algo calcadas na precisão enunciativa, pois, ao se afirmar que “isso é isso”, se constrói uma relação identitária entre a proposição e o objeto designado, a qual intenta excluir qualquer incompatibilidade. Cabe, também, lembrar que o verbo *ser* é parte constituinte indispensável de cada um dos enunciados que formam o silogismo.

O segundo aspecto reporta-se à natureza das "noções em questão" que compõem os enunciados lógicos. Ainda segundo Perelman (2004), não se pode desconsiderar a estreita relação existente entre a ordenação lógica dos enunciados verbais e as noções e conceitos presentes neles. Somente quando se lida com princípios dados, sobre os quais não paira nenhuma dúvida, é possível elaborar enunciados ausentes de imprecisões e indeterminações, uma vez que “a linguagem só pode ser unívoca com a condição de que as noções em questão estejam *definitivamente* elaboradas” (PERELMAN, 2004, p. 107).

Quando se lida com formulações ainda imprecisas, não raramente o uso do verbal se torna igualmente incerto e ambíguo, em virtude da própria vagueza da ideia em construção.

É, sobretudo, este último aspecto, aliado à disciplina mental vinculada ao raciocínio lógico, que servirá de base para a estruturação de uma prática retórica muito singular, baseada naquilo que Perelman define como “argumentação lógica” (2004). Trata-se de um exercício suasório caracterizado essencialmente pela coerção, uma vez que toma por base premissas já estabelecidas e aceitas por um auditório universal, das

quais se desdobra sua aplicação a casos específicos. Qualquer incompatibilidade que, porventura, possa vir a colocar em risco a formalização dessa modalidade de raciocínio é completamente excluída.

Não se pode desconsiderar que tal estruturação de pensamento, sobre a qual se constrói um exercício retórico também singular, sustentada pela argumentação lógica, constituiu a base do modo de produção de conhecimento que caracterizou a moderna ciência da natureza, a partir dos séculos XVI e XVII. A prova científica, alicerçada na inteligibilidade matemática da natureza, serviu de substrato para a elaboração de grandes premissas gerais, que passaram a fundamentar o conhecimento produzido na época. Aliada a esse aspecto há, ainda, a estreita correlação entre a formalização lógica do pensamento e o método lógico-dedutivo, então considerado o único passível de gerar um conhecimento cientificamente válido.

No âmbito da relação entre retórica e ciência, nota-se que os princípios edificados com base na crença acerca do funcionamento maquínico da natureza se tornaram grandes *topoi* ou lugares da argumentação, ou seja, pontos virtuais para os quais uma determinada arguição poderia ser direcionada. Com isso, há uma espécie de “economia” do esforço retórico/ argumentativo, uma vez que tanto se lida com princípios já aceitos indistintamente quanto com uma formalização argumentativa considerada a única realmente válida.

Também não se pode perder de vista que tal *dispositivo*, ou seja, o modo de concatenação dos enunciados no silogismo tende a reforçar ainda mais a legitimidade dos princípios que funcionam como premissas básicas presentes nessas mesmas proposições. Não é à toa que Perelman indica que “a formalização de uma noção implica que se precisem os critérios de sua aplicabilidade” (2004, p. 107), pela qual se aliam tanto o uso de noções “convencionais”, que já se encontram referendadas por um determinado acordo de opiniões, quanto uma forma específica de estruturação dos enunciados, capaz de ratificar a aplicabilidade de tais preceitos. Aliás, Perelman chega a indicar que tal coação retórica, não raro, leva à subversão de determinadas ideias para que elas “se encaixem” na fórmula lógica e, assim, sejam consideradas efetivamente válidas.

É importante ressaltar que tal exercício retórico toma por base a existência de um auditório universal ideal, ou seja, um “modelo” de racionalidade para o qual os

enunciados são direcionados, o qual mantém uma relação eminentemente identitária com o raciocínio que serve de base para a estruturação do exercício suasório. Com isso, o papel desempenhado pelo auditório na argumentação lógica praticamente inexistente, da mesma forma que, por se tratar de uma idealização, não há a possibilidade de elaboração de contra-argumentos que possam vir a produzir proposições contrárias ou discordantes.

Apesar do estreito vínculo existente entre a forma de raciocínio, a argumentação lógica e o conhecimento produzido pela ciência moderna, essas relações não podem ser limitadas apenas à produção científica. É importante lembrar que estamos pontuando uma tradição constituída no âmbito da interface cultural relacionada à palavra impressa na fase da impressão, de modo que tais práticas passaram a igualmente contaminar outras esferas socioculturais.

No que concerne a esse aspecto, Sousa Santos (2011, p. 95) parece-nos muito elucidativo ao indicar que um dos efeitos desse processo retórico diz respeito à colonização de “outras formas de racionalidade”, o que fez com que a argumentação lógica se sobrepusesse a outras práticas retóricas, vinculadas a diferentes esferas da atividade humana, como o judiciário, o ensino, a publicidade e muitas outras. Ainda segundo o autor, esse processo igualmente elucidava a existência de grandes “monopólios de interpretação” que, durante muito tempo, estabeleceram uma regulação para a produção do conhecimento em diferentes áreas. É justamente esse processo que, segundo nossa conjectura, será posto em xeque pela interface cultural digital e sua retórica espacial.

A interface digital, a heterogeneidade semiótica e as práticas retóricas

É importante ressaltar que nossa compreensão sobre o funcionamento das interfaces culturais, dos meios e das linguagens está amparada na perspectiva epistemológica de estudo da cultura ligada à semiosfera, tal como ela foi definida pelo semiótico da Escola de Tártu-Moscou, Iuri Lotman (1996). Para o autor, a cultura é estudada por meio de diferentes sistemas de linguagem que subsistem em constante intercâmbio e tensionamento, dos quais decorre o contínuo devir dos signos e dos sentidos, que estão sempre em transformação. Por isso, o fato de a interface cultural vinculada ao digital

instituir outros parâmetros para as práticas retóricas não significa que o exercício lógico atrelado à palavra impressa tenha sido suplantado, ao contrário, ele passa a subsistir na cultura com outras formas expressivas, da mesma maneira que pode vir a ser ressignificado por elas, adquirindo novas funções na sociedade e na cultura de uma época.

O primeiro aspecto a ser considerado na compreensão da retórica calcada em relações espaciais, conforme foi proposta por Manovich, está relacionado à heterogeneidade semiótica que, conforme assinalamos, caracteriza a interface cultural do digital. Segundo Lotman (1996), todas as mensagens produzidas pelos sistemas da cultura se materializam por meio dos textos culturais, que podem ser inscritos nos mais distintos códigos. Em linhas gerais, os textos exercem duas funções na cultura: comunicativa e geração de sentidos.

A primeira está ligada às mensagens elaboradas por meio de uma única linguagem, cujo objetivo é transmitir um significado unívoco. A segunda reporta-se aos textos arquitetados pela correlação estabelecida entre diferentes códigos ou, ainda, "es una manifestación de varios lenguajes a la vez"⁶ (LOTMAN, 1996, p. 88), da qual resulta a edificação de um arranjo sógnico inusitado, capaz de produzir sentidos não previsíveis.

Discriminar tal heterogeneidade semiótica, em que diferentes linguagens se manifestam "de uma só vez", requer, necessariamente, a delimitação da fronteira semiótica (LOTMAN, 1996) constituída entre elas, pela qual se torna possível apreender os processos tradutórios que resultaram na construção de um determinado arranjo sógnico. Isso envolve, obrigatoriamente, a apreensão das relações manifestadas na sincronia que ele apresenta, tendo em vista os vínculos estabelecidos entre diferentes códigos e linguagens que, como indicamos, no caso da interface cultural do digital, englobam a palavra impressa, o cinema e a interface do usuário generalista.

Disso resulta uma espacialidade específica, marcada essencialmente pela presença concomitante de diferentes linguagens justapostas de forma assimétrica, visto que cada uma delas exerce uma função distinta no texto. Com isso, em vez da linearidade temporal do verbal, há a emersão de um espaço de relações edificado pelos intercâmbios tradutórios entre linguagens distintas que, igualmente, produzirá a

⁶ "é uma manifestação de várias linguagens de uma vez" (Tradução livre)

ressignificação do modo de estruturação dos enunciados verbais, que tendem a se tornar mais espacializados.

Por sua vez, essa prática não se dissocia da cognição – também potencializada pela interface cultural vinculada ao digital –, que tem propensão a ser menos formal e, de acordo com Paul Valéry (1998), mais analógica, ao impulsionar a capacidade de correlacionar e justapor diferentes imagens e elementos, bem como, por meio de um processo inferencial e hipotético, perceber aquilo que os aproxima e os diferencia. Em alusão a Peirce (1975), podemos situar essa forma de raciocínio como abdução, ou seja, quando se verifica que dois ou mais objetos distintos se assemelham sob determinados aspectos e, por suposição, infere-se que podem vir a se aproximar de outros ângulos.

Nota-se que tal forma de raciocínio, fortemente marcada por relações espaciais que se mostram sincronicamente, carece de uma formalização capaz de estabelecer uma linearidade formal para o encadeamento das ideias. Por seu turno, como Perelman afirma, não há como desconsiderar "o papel que o raciocínio não formalizado desempenha em nosso pensamento" (PERELMAN, 2004, p. 105) e, portanto, no exercício suasório, dada a estreita relação existente entre raciocínio e argumentação. Como distintas são as formas de organização do pensamento, logo, diversas são as práticas retóricas que se fazem na cultura, que, por sua vez, não se dissociam de um modo específico de estruturação de linguagem.

Uma linguagem não unívoca, isto é, semioticamente heterogênea, rompe justamente com o caráter linear e causal dos enunciados verbais e, por conseguinte, com as estruturas argumentativas alicerçadas na relação lógico-dedutiva, da mesma maneira que esse tipo de arranjo sótico não toma por base uma noção já solidificada na cultura. Por isso,

se estivermos em presença de uma linguagem não-unívoca, não estaremos lidando com uma demonstração e, reciprocamente, se não estamos lidando com uma demonstração, conquanto sejam aplicados esquemas de dedução, não estamos em presença de uma linguagem unívoca (PERELMAN, 2004, p. 107).

Como Perelman afirma, arranjos sóticos não unívocos permitem lidar com o contingente e o acaso que caracterizam a "própria natureza das coisas" (2004, p. 107), ou seja, com a espontaneidade e a liberdade da maneira irregular de ser de certos

fenômenos no modo pelo qual eles se mostram à primeira vista, cujo frescor, num primeiro momento, não nos permite discernir sobre aquilo que se coloca diante nós ou fazer uma afirmação taxativa, o que não impede que algo seja dito.

Cumprе ressaltar que esse é um aspecto central que distingue as práticas retóricas “espaciais” suscitadas pela interface cultural digital quando comparadas às que se potencializam na interface da impressão. Como a primeira não toma por base uma formalização predefinida, tampouco parte de princípios já estabelecidos transformados em lugares da argumentação, tal prática tende a abarcar a dimensão fenomênica da experiência, cujos devires podem vir a acarretar tanto a redefinição do raciocínio quanto de um percurso analítico, o que, por seu turno, não o torna menos válido.

A utilização de uma linguagem semioticamente heterogênea e não unívoca, logo, passível de gerar ambivalências e controvérsias, aponta, assim, a própria irrupção de uma noção que ainda não pode ser formalizada ou que, eventualmente, jamais poderá. Mais que isso, indica a presença de um raciocínio cuja ordenação não permite formular uma síntese conclusiva sobre algo. São justamente essas ambivalências que elucidam a possibilidade de edificação de novos sentidos na cultura e formas argumentativas que, mais “plásticas” (PERELMAN, 2004, p. 110), viabilizam diferentes manifestações retóricas que incidem sobre as próprias noções, que igualmente se tornam menos precisas e mais hipotéticas.

Tal exercício suasório foi definido por Perelman (2004) como argumentação retórica, alicerçada essencialmente na ausência de premissas prévias ou de uma fórmula univocamente fixada para o raciocínio, uma vez que é edificada com base na contingência que distingue os devires na vida e na alteridade, ou seja, nos tensionamentos ocasionados pelo encontro com o outro. Dessa forma:

O que distingue, além disso, a lógica da retórica é que enquanto na primeira sempre se raciocina no interior de um dado sistema, que se supõe aceito, numa argumentação retórica tudo sempre pode ser questionado; sempre se pode retirar a adesão: o que se concede é um fato, não um direito (PERELMAN, 2004, p. 77).

Na interface cultural digital, nota-se, assim, que a prática retórica se apresenta destituída de um objetivo preestabelecido. Isso pode ser mais bem entendido quando retomamos a distinção tão difundida entre os estudos retóricos entre persuadir e

convencer. O primeiro visa incitar uma ação, ao passo que o segundo tem como foco a análise dos motivos que podem levar a uma ação. Assim, como indica Boaventura Sousa Santos,

Quando a tónica é posta nos resultados, o discurso argumentativo inclina-se para uma adesão pela persuasão e, pelo contrário, quando a tónica recai no esforço de apresentar razões para eventuais resultados, o discurso argumentativo inclina-se para uma adesão pelo convencimento (SOUSA SANTOS, 2011, p. 104).

A nosso ver, a interface cultural do digital tende a fomentar uma retórica voltada essencialmente para o convencimento, já que o processo que a caracteriza, marcado por incompatibilidades, edificado pela correlação entre diferentes linguagens e, portanto, passível de gerar ambivalências, ganha uma importância muito maior que a produção de um resultado específico. Com isso, ainda segundo Boaventura, “[...] a argumentação cria um campo caótico onde a acção pode ou não ocorrer” (2011, p. 104) ou, caso ocorra, nem sempre é previsível, tampouco controlável.

Quanto à natureza do processo argumentativo incitado pela interface digital, cumpre ressaltar que, assim como Perelman indica, o uso de argumentos baseados na sugestão é dominante no dia a dia, visto que em “qualquer deliberação numa assembleia, qualquer defesa, qualquer discurso político ou religioso, a maioria das exposições filosóficas, agiriam apenas por sugestão” (2004, p. 63) que, por sua vez, também não se limita à opinião pura e simples, destituída de um raciocínio outro, capaz de produzir um determinado efeito persuasivo.

Cria-se assim uma diversidade de construções retórico-argumentativas edificadas em meio à combinação de diferentes fatores, que abarcam a esfera da atividade humana em que a relação comunicativa está inserida, o objetivo do processo retórico e, sobretudo, o auditório com o qual se intenta interagir.

Diferentemente da lógica, a argumentação retórica lida com auditórios “reais”, cuja possibilidade de resposta é incorporada ao enunciado desde a sua formulação primeira, tendo em vista o objetivo de “conquistar” o outro para aquilo que será dito. Por meio do embate agonístico, um argumento tanto pode ser interrompido a qualquer momento como pode estender-se infinitamente ou, ainda, ser atravessado por um acontecimento inesperado, o que faz que um percurso argumentativo apresente diferentes conformações ao longo do seu vir a ser.

É a conjunção desses aspectos, característicos daquilo que Manovich define como uma retórica calcada em relações espaciais, que nos leva a questionar outra afirmativa feita pelo próprio autor, referente ao declive da atividade retórica no âmbito da interface cultural digital, tal como indicamos na primeira parte deste artigo. Como vários outros autores já indicaram (BARTHES, 2001; DUBOIS *et ali*, 1974; ECO, 1971; PERELMAN, 2004), ao longo da história e, por motivos diversos, a retórica passou por diferentes ciclos, em que se observa a alternância de períodos de declínio e renascimento. Assim, em consonância com essa constatação e, segundo a tese de Manovich, em virtude da espacialização do verbal decorrente da interface digital, a retórica estaria vivenciando um novo período de declínio.

Porém, parece-nos que não há, propriamente, o declive da retórica, mas, sim, o do exercício suasório amparado na lógica e na crença acerca da existência de uma verdade axiomática. Se considerarmos que, tal como indica Aristóteles (2012), o objeto da retórica não é a verdade, senão aquilo que é verossímil para um determinado auditório, então, podemos supor que as práticas retóricas edificadas em meio à interface cultural digital tendem a, justamente, promover o resgate de um dos traços centrais do exercício suasório, ou seja: a esfera do opinativo e do contingente, construída em meio ao intercâmbio e ao tensionamento com o outro. Tal prática exige diferentes competências retóricas e formas diferenciadas de construções argumentativas, em virtude do confronto com diferentes auditórios, cujos repertórios também são distintos.

Em consequência de tais características, não há como desconsiderar que o tipo de conhecimento passível de ser gerado em meio a tal interface se distingue do conhecimento lógico formal que, durante séculos, serviu de substrato para a validação da cientificidade de um determinado saber. Quanto a isso, ao pontuar a emergência de um novo paradigma do conhecimento, definido como “conhecimento-emancipação” (2011), Sousa Santos oferece-nos um importante indicativo sobre o tipo de conhecimento passível de ser edificado em meio à interface digital.

Em síntese, tal paradigma emerge em contraponto à ciência moderna e seu parâmetro de cientificidade, baseado eminentemente no raciocínio lógico e sua retórica também lógica. Aliado a esse aspecto, também cumpre lembrar que a moderna ciência da natureza rejeitou por completo o senso comum, considerado conservador e mistificador, incapaz de produzir um conhecimento efetivamente válido. Por outro lado,

Boaventura indica que o “conhecimento-emancipação” se constitui como um novo saber, edificado com base naquilo que, justamente, define o senso comum, ou seja: a proximidade entre o conhecimento, a ação e o fenômeno que se intenta conhecer, de modo que os sujeitos envolvidos com esse processo se reconhecem nele; a igualdade de acesso ao saber produzido e a legitimidade de produzi-lo com base numa determinada visão de mundo e mediante o uso de diferentes sistemas de linguagem e pensamento; a “indisciplinaridade” e a ausência de métodos definidos *a priori* ou de objetivos predeterminados, uma vez que o conhecimento “reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida” (SOUSA SANTOS, 2011, p. 108), tendo em vista os próprios fenômenos que emergem em situações rotineiras e os acontecimentos que surgem na relação com o outro. São esses aspectos que nos permitem entender porque esse conhecimento é, também, emancipatório, visto que é construído em meio ao intercâmbio e ao confronto produzidos entre diferentes “comunidades interpretativas” (2011, p.110), que são igualmente políticas, isto é, geradoras de dissenso por meio do contínuo contraponto frente à imposição de qualquer monopólio interpretativo ou universalização do saber.

Retomando a questão relativa ao conceito de interface cultural, Manovich assinala que, ao estabelecer uma determinada forma de ordenação para as informações, o computador igualmente promove o surgimento de novos “modelos del mundo”⁷ (2006, p. 114). Assim, se o hipertexto cria uma maneira não hierárquica para a organização de informações, logo, igualmente se potencializa a irrupção de uma ambiência sociocultural apoiada em relações mais horizontais e menos hierarquizadas. Isso não implica pensar os meios por meio de uma relação causal e transmissionista, tal como ocorreu com o paradigma vinculado às teorias funcionalistas da comunicação⁸, mas, sim, que os meios e as interfaces culturais vinculadas a eles são capazes de incitar o desenvolvimento de formas variadas de organização social, modos de raciocínio e produção de conhecimento que se contrapõem a estruturas hegemônicas (como, por exemplo, o raciocínio lógico vinculado à interface da escrita) que, como indica Boaventura, intentam colonizar diferentes esferas da vida.

⁷ “modelos de mundo” (Tradução livre)

⁸ Aqui, nos referimos mais especificamente à Teoria Hipodérmica, edificada com base no modelo Estímulo – Resposta, pela qual se prevê com absoluta certeza os efeitos gerados pelos meios de comunicação de massa.

É nesse sentido que entendemos a irrupção das mais diversas “comunidades interpretativas” na atualidade, uma vez que tais relações sociais emergem em meio a uma ambiência sociocultural que, cada vez mais, tende a incitar relações de alteridade e dissenso, que passam a subsistir tensivamente com os autoritarismos que ainda persistem e suas tentativas de criar a invisibilidade de determinados grupos.

Por consequência, apenas por uma prática retórica contínua entre tais comunidades, caracterizada pela alteridade e pelo embate agonístico, o qual também abarca novas formas de interação social, seria possível edificar esse novo saber. Não é à toa que o autor indica que o “conhecimento emancipatório” é eminentemente retórico, do mesmo modo que afirma que a “reemergência da retórica é parte integrante da crise paradigmática da ciência moderna” (SOUSA SANTOS, 2011, p. 97), dada a própria diversidade de recursos argumentativos que passam a caracterizar esse outro conhecimento.

Se considerarmos a rede de hipervínculos peculiar do digital e suas distintas linguagens constitutivas, podemos pressupor que tal variabilidade argumentativa pode, inclusive, não se restringir apenas ao verbal e abarcar também recursos visuais, diagramáticos e muitos outros que, inclusive, tendem a reforçar ainda mais a dimensão espacial dessas práticas retóricas. Tais linguagens fazem parte da rede de hipervínculos que compõe o digital, cuja correlação, conforme indicamos, resulta por constituir uma linguagem não unívoca. Como resultado, constrói-se um conhecimento menos conclusivo e mais falível, destituído de premissas e que leva em conta os próprios devires dos fenômenos que se intenta conhecer.

Paralelamente, falar de diferentes “comunidades interpretativas” implica, igualmente, falar de uma enorme diversidade de linguagens por meio das quais elas se fazem atuantes na cultura. A heterogeneidade semiótica da interface cultural digital oferece uma condição mais que propícia para incitar a irrupção de variadas formas de expressão e produção de sentido na cultura, além de dar visibilidade a elas.

A compreensão desse novo saber, por sua vez, exige outros critérios e parâmetros de análise, distintos daqueles relacionados à interface impressa. Conforme apontamos ao longo de todo este texto, ao nos reportarmos à interface digital, não nos limitamos àquilo que se encontra diretamente relacionado ao uso dos meios digitais, mas a uma ambiência perceptocognitiva e sociocultural que contamina diferentes

esferas da vida, como também, a produção do conhecimento. É nesse sentido que acreditamos que essa outra retórica apontada por Manovich, mais plástica e espacial, pode oferecer importantes indícios para a compreensão dos paradoxos e das potencialidades relativos à produção do conhecimento na atualidade.

Considerações finais

Nosso propósito foi apresentar uma hipótese relativa às práticas retóricas passíveis de serem suscitadas pela interface cultural vinculada aos meios digitais e ao tipo de conhecimento que elas são capazes de produzir. Longe de ser um trabalho conclusivo, trata-se de um exercício especulativo que, antes de tudo, visa apontar um desdobramento interpretativo esboçado com base numa pista deixada por Manovich que, a nosso ver, oferece um importante indicativo seja para entender a abrangência do conceito de interface proposto por ele, seja para apreender a complexidade que caracteriza a produção do conhecimento na atualidade, bem como seus paradoxos.

O fato de essas práticas se distinguirem daquelas edificadas pela interface cultural vinculada à palavra impressa não as torna menos relevantes ou, ainda, responsáveis pelo empobrecimento da retórica. Tal julgamento, não raro, decorre de um ponto de vista ainda contaminado pela interface vinculada à impressão e a seu monopólio interpretativo, bem como à crença, ainda existente, acerca daquilo que se entende por cientificidade com base em um critério único.

Dentre os paradoxos que tal processo retórico produz, podemos citar tanto a mera sugestão simplista, conservadora e mistificadora, carente de argumento ou de um argumento verossímil – o que na atualidade também tem sido chamado de “pós-verdade” –, quanto estruturas argumentativas amparadas em “procedimentos não lógicos” (PERELMAN, 2004, p. 82), capazes de produzir um “conhecimento emancipatório” efetivamente interdisciplinar, uma vez que promovem o intercâmbio e o tensionsamento entre diferentes áreas de conhecimento, como também entre saberes (artístico, científico, popular, tradicional etc) relacionados às distintas “comunidades interpretativas”, que passam a atuar de forma colaborativa e solidária na construção de um saber menos universalizante.

Para entendê-las, como procuramos demonstrar, é preciso atentar para as características da interface cultural vinculada aos novos meios e às possibilidades expressivas que ela suscita, sem que se busque meramente sobrepor os parâmetros de uma ambiência (no caso, aquela ligada à palavra impressa) a outra.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DUBOIS, J. et al. **Retórica geral**. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1974.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. Introdução à pesquisa semiológica. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**. La imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

PERELMAN, Chaim. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PEIRCE, Charles. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1975.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e filosofia**. Icônico e verbal. Oriente e Ocidente. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

VALÉRY, Paul. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2011.